

# A VÍRGULA

Para não errar na interpretação dos fatos políticos

## DISCURSO DE ÓDIO: O novo normal com efeitos devastadores

Engana-se quem pensa que apenas a extrema-direita sabe jogar o jogo das fake news. A esquerda tem se especializado na arte de criar factoides como cortina de fumaça. Nesta edição, **A Vírgula** traz uma análise sobre o cenário atual e seus desdobramentos.

#080

### PERTO OU LONGE

Parte dos candidatos bolsonaristas quer o legado, mas e a figura do ex-presidente?

Pág. 7

### FARDA POPULAR

Militares, com crescente participação em pleitos eleitorais, mostram relevância no ES

Pág. 10

### ARTIGO

"Propaganda política inteligente cedeu lugar ao que é chucro", analisa Fernando Carreiro

Pág. 24



## **DISCURSO DE ÓDIO: O novo normal com efeitos devastadores**

“Discurso de ódio” se transformou em termo comum e rapidamente identificado por pessoas de todo o mundo. Os efeitos nefastos de sua disseminação, todavia, muitas vezes têm sido incompreendidos ou simplesmente ignorados por diversos atores, fato que faz a ONU alertar frequentemente para a tendência de aumento dessa prática, bem como promover campanhas de conscientização (falaremos sobre essa conscientização mais à frente).

“O mundo deve enfrentar os graves danos globais causados pela proliferação de ódio e das mentiras no espaço digital”, cravou este ano o secretário-geral da ONU, António Guterres.

O discurso de ódio e a disseminação de mentiras têm sido percebidos e relatados durante a guerra entre Israel e Hamas. O discurso de ódio ganhou contornos devastadores nos últimos anos no Brasil, por meio da política e da manipulação de narrativas dos agentes da área em forma de cards, vídeos e áudios.

E o discurso de ódio tem se naturalizado como espécie de novo normal, de modo que a prática tem sido espalhada por diversas frentes e correntes ideológicas.

## DISCURSO DE ÓDIO: O novo normal com efeitos devastadores

Sim. Politicamente, não é apenas a extrema-direita a catapultar esse tipo de embate – principalmente digital, mas também offline. A esquerda aprendeu a jogar o jogo e tem tentado responder à altura – mesmo que ainda não esteja a essa mesma altura.

O filósofo, mestre e doutor em Direito Giancarlo Montagner Copelli, em entrevista para [A Vírgula](#), concorda com a naturalização do ódio e aprofunda a análise: “Não existe mais um Etos compartilhado por ambos os lados da polarização. Dito isso, acho que é difícil a gente desinflamar esse debate. É fogo cruzado porque todos os lados só compreendem a democracia como um jogo eleitoral para acesso e manutenção do poder. Discurso de ódio vai ser, portanto, espécie de ferramenta, prática estratégica da política naturalizada e justificada”, afirma.

Garoto digital de Lula nas eleições de 2022, o deputado federal André Janones (Avante-MG), por exemplo, confessa ter usado *fake news* na campanha na tentativa de desestabilizar o adversário Jair Bolsonaro (PL).

Reportagem de *O Globo* revelou trecho do livro do deputado que narra os fatos; livro que será lançado no dia 20 de novembro, com o título “Janonismo Cultural: o uso das redes sociais e a batalha pela democracia no Brasil”.

## DISCURSO DE ÓDIO:

### O novo normal com efeitos devastadores

Até a prepotência do nome, ao evocar genialidade e heroísmo para si, denota a “habilidade” digital nos termos contemporâneos: a extravagância egoísta e naturalizada para driblar a economia da atenção e atingir o objetivo.

Sobre as *fake news*, Janones conta no livro, segundo *O Globo*, dois episódios que ganharam repercussão na época. Um foi a divulgação de que o parlamentar aliado de Lula tinha acesso ao celular do ex-ministro Gustavo Bebianno, morto em março de 2020. Rodaram rumores de que Bebianno armazenava informações comprometedoras sobre o governo Bolsonaro, e Janones se aproveitou dos boatos. O outro episódio foi a falsa repercussão de que Fernando Collor ganharia lugar na Esplanada em caso de vitória bolsonarista.

Em *A Vírgula* #053, no mês de maio, Felipe Izar escreveu artigo afirmando que o caminho está cada vez mais longo para combater as *fake news*. Ele citou, exatamente, um caso de Janones para elucidar a colocação:

*“Em meio à árdua pescaria no papel de leitor e na tentativa de interpretar um recorte dos fatos, opto nesta análise pela (também popular) observação do deputado federal André Janones (Avante-MG). Segundo ele, o motivo é simples para a derrota do governo Lula no “PL das fake news”: “Com apenas uma semana, a extrema direita conseguiu reverter a narrativa nas redes” (...). Ou*



## **DISCURSO DE ÓDIO: O novo normal com efeitos devastadores**

*a gente (leia-se esquerda) aprende a usar as redes ou vamos continuar sendo surrados por aqui”.*

Ora, aprender a usar as redes, nos termos de Janones, significa mergulhar nas práticas do jogo. Disseminar discurso de ódio e *fake news* estão entre essas práticas contemporâneas e a política tem sido alimentada no dia a dia por esse novo normal.

## **Crise da democracia**

Para o filósofo Giancarlo Montagner Copelli, esse universo inflamado se passa por uma “crise da democracia diferente de todo os formatos anteriores”.

“Basicamente, é uma espécie de confusão com o exercício do modelo eleitoral, como se a democracia fosse somente de traço eleitoral. A percepção da economia política da cidadania e redistributiva não existe mais. Essa democracia vai ser apenas um jogo de acesso ou de manutenção do poder. Se essa é a nossa percepção mais atual da democracia, eu pergunto: quais os limites éticos para o agir estratégico que vão fazer prevalecer uma ou outra posição?”, questiona Copelli.

Dentro dessa perspectiva, o estudioso acredita ser inócua a tentativa de levar o debate do discurso de ódio para a esfera da conscientização, como fazem muitas

## **DISCURSO DE ÓDIO: O novo normal com efeitos devastadores**

vezes a própria ONU e o Governo Federal, com cartilhas, dicas e um passo a passo para o cidadão escapar da prática de espalhar mentiras.

“No fundo, esse caminho da conscientização acaba arremessando o problema dos discursos de ódio para a dimensão moral. Acho que o ponto é: por que brotam e de onde brotam esses discursos que parecem cada vez mais agudos hoje em dia? Acredito que a crise democrática seja a resposta”, conclui.



# **PERTO OU LONGE DE BOLSONARO: O que querem os políticos bolsonaristas?**



## PERTO OU LONGE DE BOLSONARO: O que querem os políticos bolsonaristas?

Em *A Vírgula*, cunhamos, no final de 2022, o termo “pós-bolsonarismo” para enquadrar atores herdeiros do legado do ex-presidente Jair Bolsonaro. Figuras como o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), seriam um desses representantes da direita: filho contemporâneo do bolsonarismo, mas que se apresenta de forma menos radical que Bolsonaro.

É o que querem os políticos de direita hoje: o bolsonarismo, maior que seu criador. “Obrigado, Capitão”. E é isso. Ao discutirmos esta pauta, todavia, nos questionamos: se o discurso de ódio tem aumentado, como podemos dizer que o *pós-bolsonarismo* é mais brando?

Primeiro porque o discurso de ódio e a disseminação de *fake news* foram institucionalizados por Bolsonaro, usados como propaganda oficial de Estado, com a produção de provas contra si mesmo, inclusive, que complicam o ex-presidente ainda mais no âmbito da Justiça. Trata-se de um radicalismo personalizado e conturbado que espanta eleitores mais ao centro.

E em complemento a isso por causa da naturalização desse debate, nos dois lados políticos. O discurso inflamado faz parte do dia a dia das estratégias de todos que estão no entorno dos representantes: militância, equipe de comunicação. O principal agente não precisa mais se arriscar tanto.



## **PERTO OU LONGE DE BOLSONARO: O que querem os políticos bolsonaristas?**

“A extrema-direita subverteu a lógica do discurso de ódio ao descartar pautas comuns como redistribuição e cidadania. Essa é a crise da democracia que eu falava antes. Então, o que há em comum, entre esquerda e direita, seja talvez a adesão ao neoliberalismo e a esse capitalismo, justamente o que feriu de morte a democracia como economia política de cidadania ou de práticas redistributivas e de bem-estar social”, aponta Giancarlo Copelli.

Isso não significa, entretanto, o livramento desses atores mais brandos do fervor bolsonarista. O próprio Tarcísio, nos últimos dias, foi constrangido (e já havia sido em outros casos) por nomes como Fabio Wajngarten, ex-secretário de Comunicação do governo Bolsonaro, que contestou a privatização (sim, um bolsonarista contestou a privatização em nome da “soberania do Brasil”) da Sabesp, principal bandeira de Tarcísio.

As ressalvas à privatização têm como pano de fundo a crise da Enel, empresa privada que fornece energia elétrica em São Paulo desde 2018. Na terça-feira 7, 200 mil imóveis seguiam no escuro, depois do temporal de sexta-feira 3.

O governador de São Paulo tem tentado controlar a ofensiva. Para a imprensa, chegou a declarar que “Bolsonaro apoia a privatização” e ele, Tarcísio, não está preocupado com o fogo amigo.





# Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

Como headliners ou cabos eleitorais, praças e oficiais têm conquistado espaço político nos últimos anos e não podem ser ignorados nos próximos pleitos



## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

“Sou soldado da terra de Ortiz. Missão nobre me impõe o dever”. Estes são os primeiros versos da “Canção do Soldado Capixaba”, hino da Polícia Militar do Espírito Santo. Praças e oficiais, sejam da PM ou do Corpo de Bombeiros, são forjados à carreira fardada, mas isso não é um limitador de trajetória. Dessas casernas, homens e mulheres podem se aventurar nas urnas e serem eleitos, deixando de lado, por razões da Lei, as corporações – mas não esse espírito.

**A Vírgula**, nesta edição, analisa o histórico de candidaturas deferidas e aptas de policiais e bombeiros militares, da ativa e reformados, no período de 2012 a 2022, no Espírito Santo. É uma aposta interessante aos partidos? Os profissionais de segurança se identificam mais com siglas mais conservadoras ou progressistas? E há adesão? Para esses questionamentos, foram realizadas interpretações a partir de dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que foram compartilhados pelos próprios candidatos.

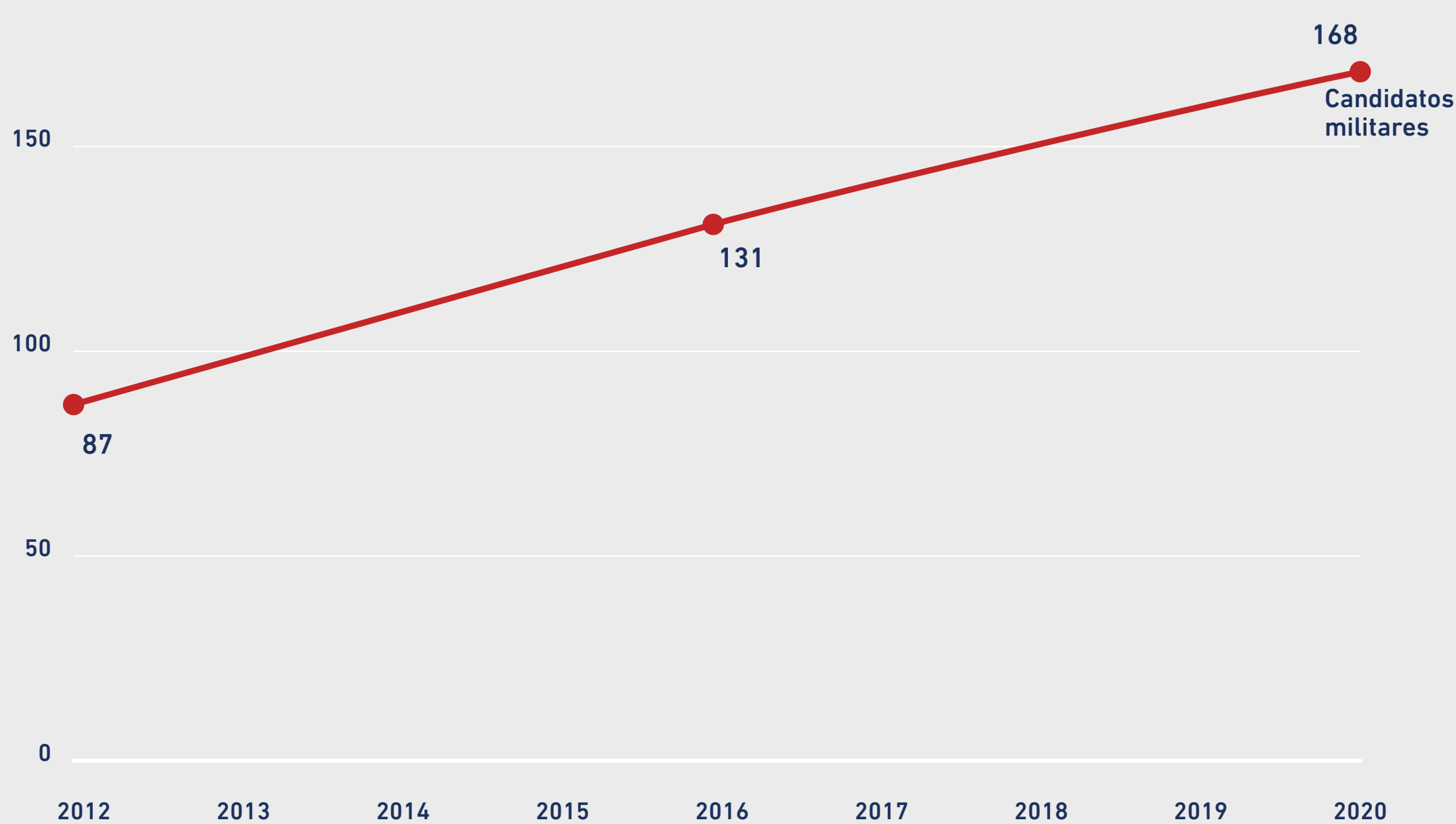
Esta análise, desde já, faz a ressalva de que a quantidade de militares que foram às urnas como candidatos é ainda maior, visto que esses homens e essas mulheres não seguem um padrão de como registram suas profissões. Oriundo da carreira na Polícia Militar, o coordenador da bancada federal capixaba, deputado federal Da Vitória (Progressistas), hoje se identifica como “administrador”.

## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

E o segundo suplente do senador Magno Malta (PL), tenente Emerson (PTB), adotou seu labor como “servidor público estadual”.

Contudo, não são empecilhos para o entendimento de um fenômeno que está em expansão. **Considerando como ponto de partida as eleições municipais (prefeito e vereador), entre 2012 e 2020 a quantidade de candidaturas militares subiu 93%, enquanto nos pleitos estaduais – de deputados estaduais/federais, senador a governador – a crescente, entre 2014 e 2022, foi de 58%.**

### MILITARES CAPIXABAS NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

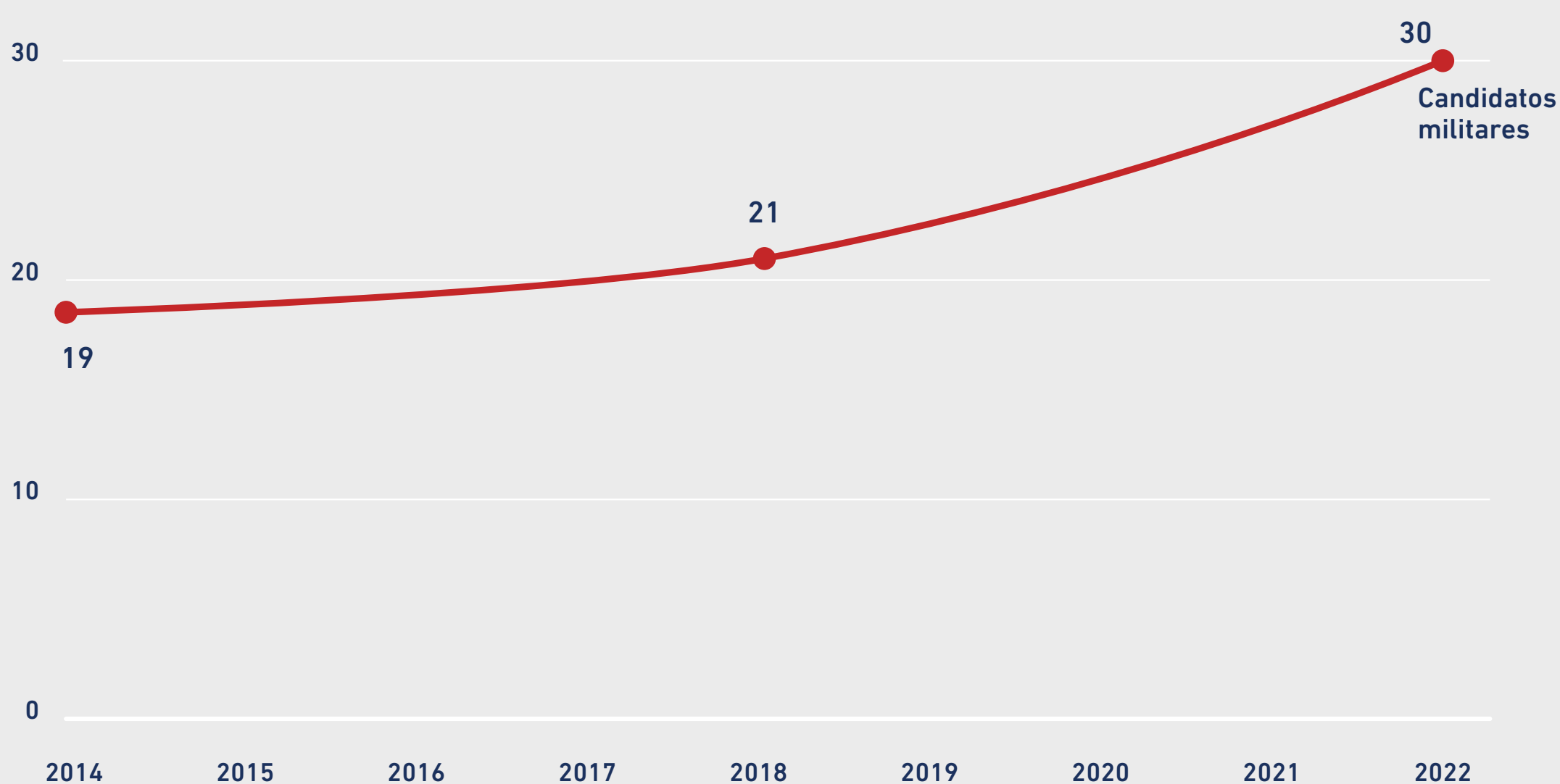


Fonte: TSE.



## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

### CANDIDATOS MILITARES NAS ELEIÇÕES ESTADUAIS



Fonte: TSE.

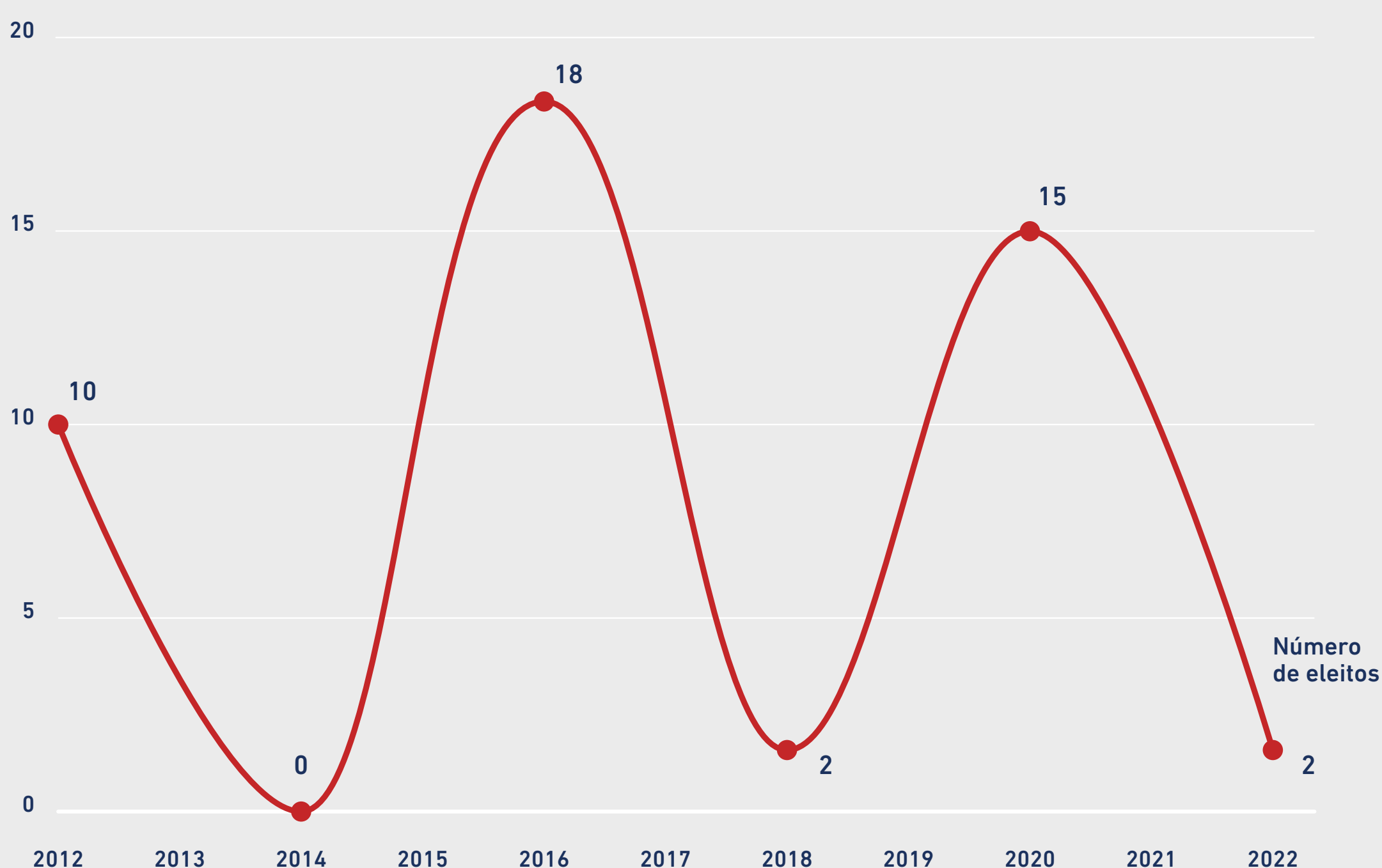
Fenômenos nacionais e estaduais ajudam a explicar essa profusão. Em termos nacionais, desde 2013, com a onda de protestos por todo o país, houve maior engajamento na política e a ala conservadora foi uma das que mais se aproveitou, obtendo inclusive o apoio de militares. Obviamente, o bolsonarismo também foi um trunfo, mas em breve nos debruçaremos sobre isso.

Em outro ponto, na esfera estadual, os desdobramentos da greve da Polícia Militar, em 2017, culminaram em maior organização de praças e de oficiais em busca de seus direitos e em defesa da categoria que não fosse por meio de movimento paredista, o que é ilegal. Surge, então, o Projeto Político Militar, que vem direcionando, seja para os pleitos municipais ou estaduais, as candidaturas preferenciais, inclusive por região.

## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

Os militares têm conseguido se eleger? Entre 2012 e 2022, o único ano sem representante eleito foi em 2014. Nos demais, eles conseguiram conquistar cargos eletivos.

### MILITARES ELEITOS POR ANO DE ELEIÇÃO



Fonte: TSE.

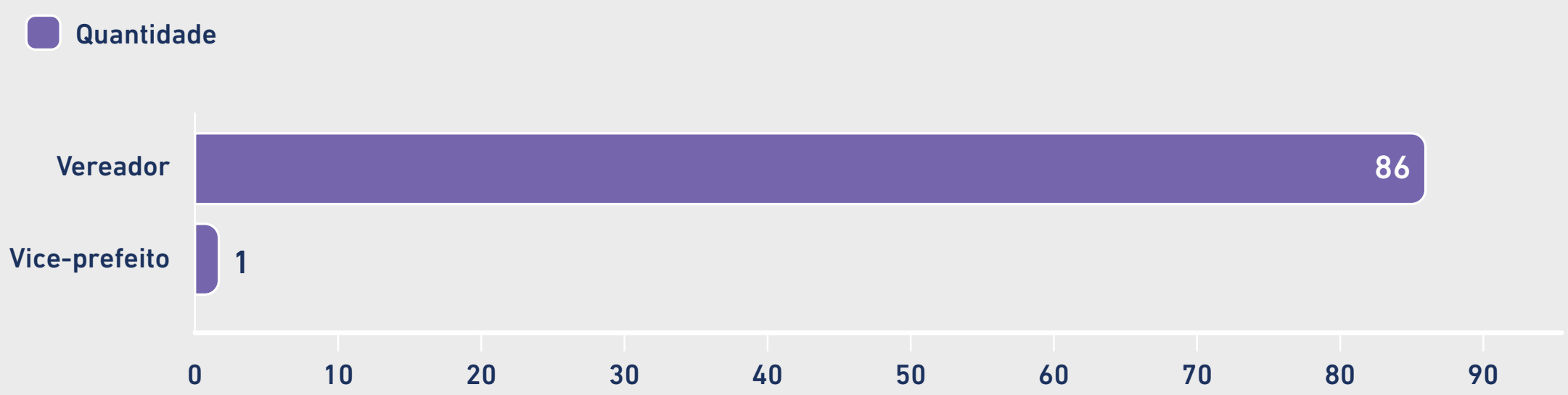
Atualmente, na Assembleia Legislativa dois militares batem continência no plenário: Coronel Weliton (PTB), ex-prefeito de Lúna, e Capitão Assunção (PL), fenômeno de votos do bolsonarismo que encampa os valores radicais da extrema-direita. Eles são alguns dos exemplos de políticos que motivam, cada vez mais, a presença de outros colegas em parlamentos e nos poderes executivos. E não necessariamente esses são, também, de direita.



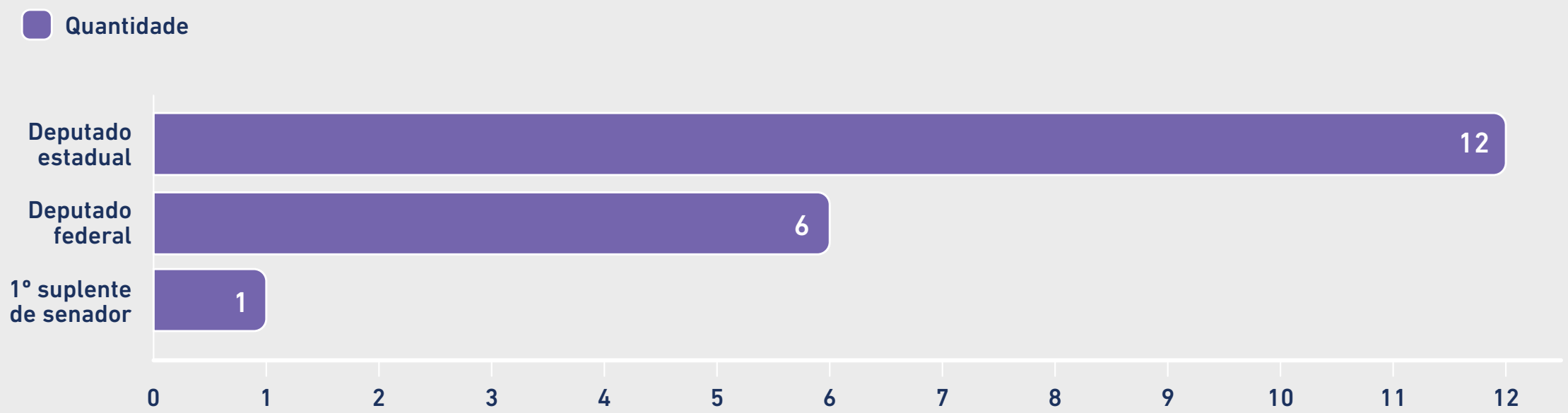
## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

O que se verifica é que os tipos de candidaturas se diversificaram de 2012 em diante. E, paulatinamente, os militares foram à procura de mais destaque nos cargos eletivos.

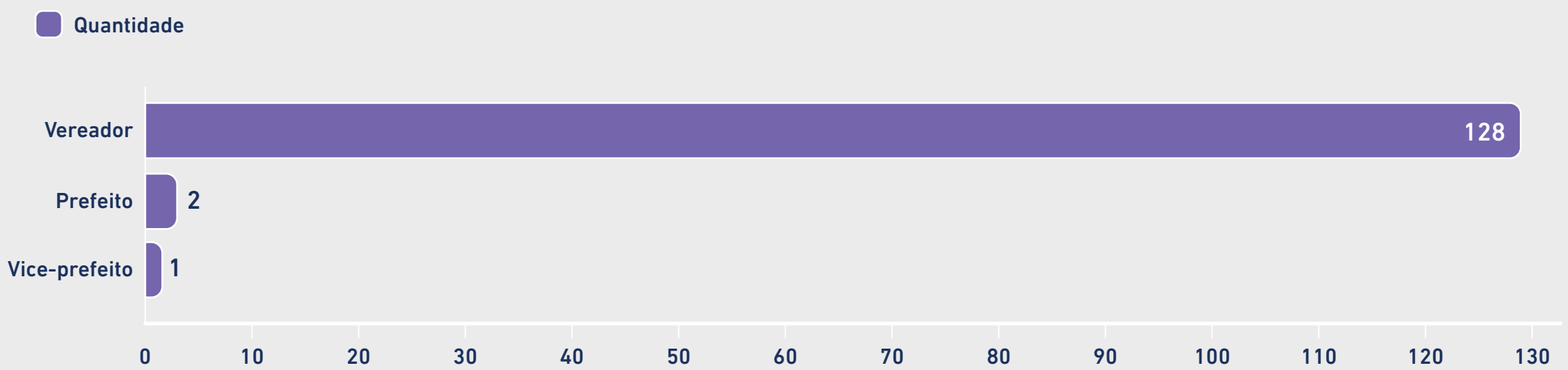
### TIPOS DE CANDIDATURAS EM 2012



### TIPOS DE CANDIDATURAS EM 2014

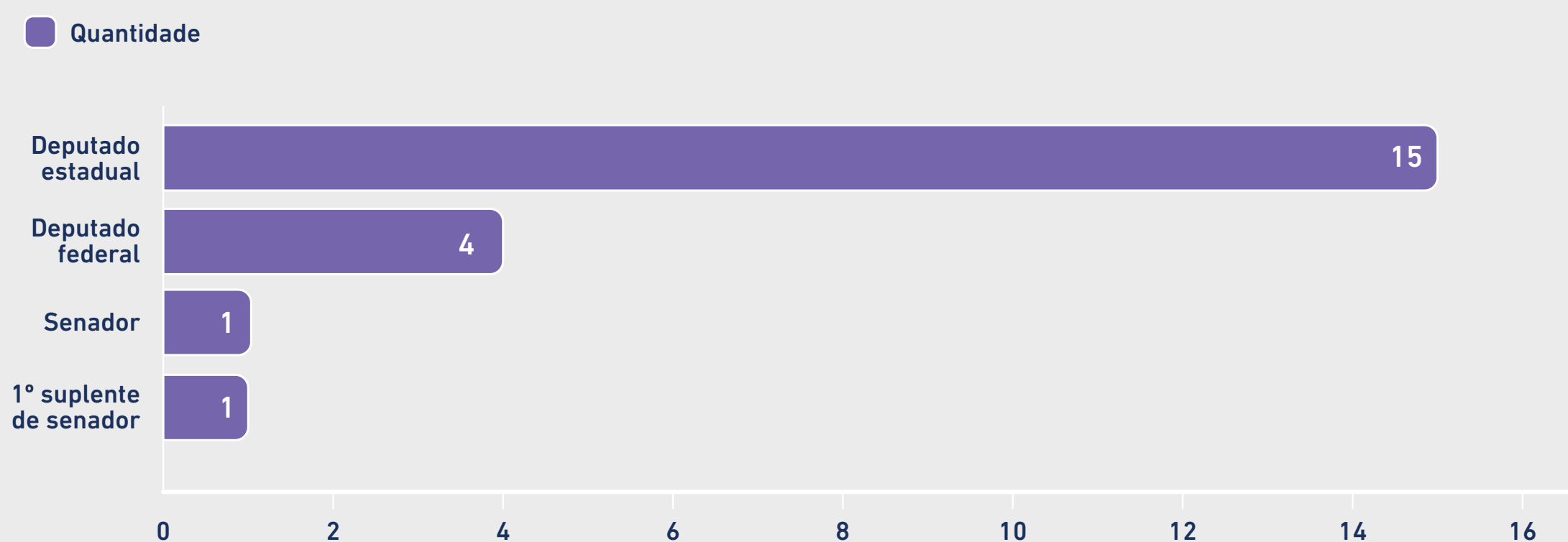


### TIPOS DE CANDIDATURAS EM 2016

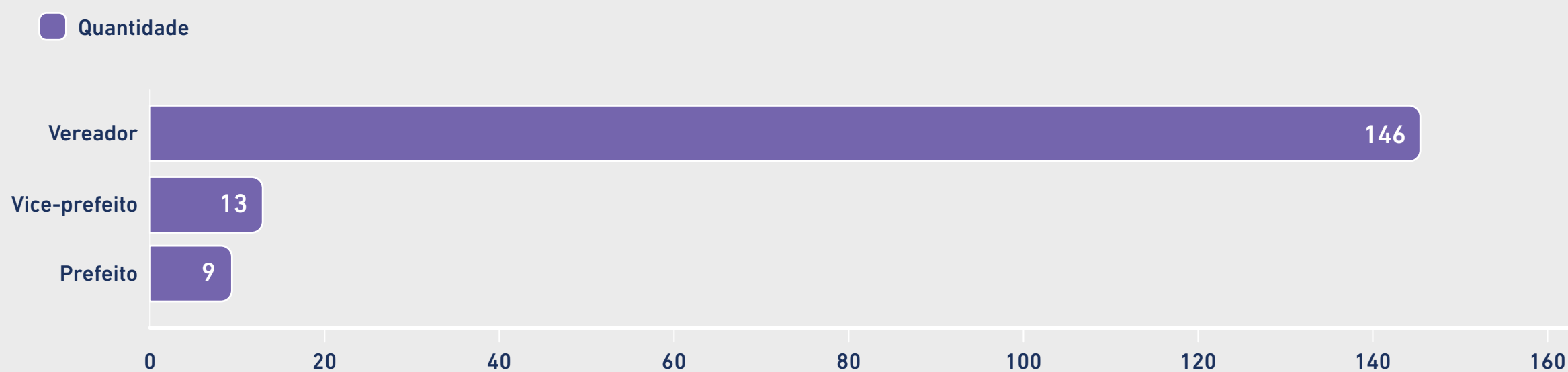


## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

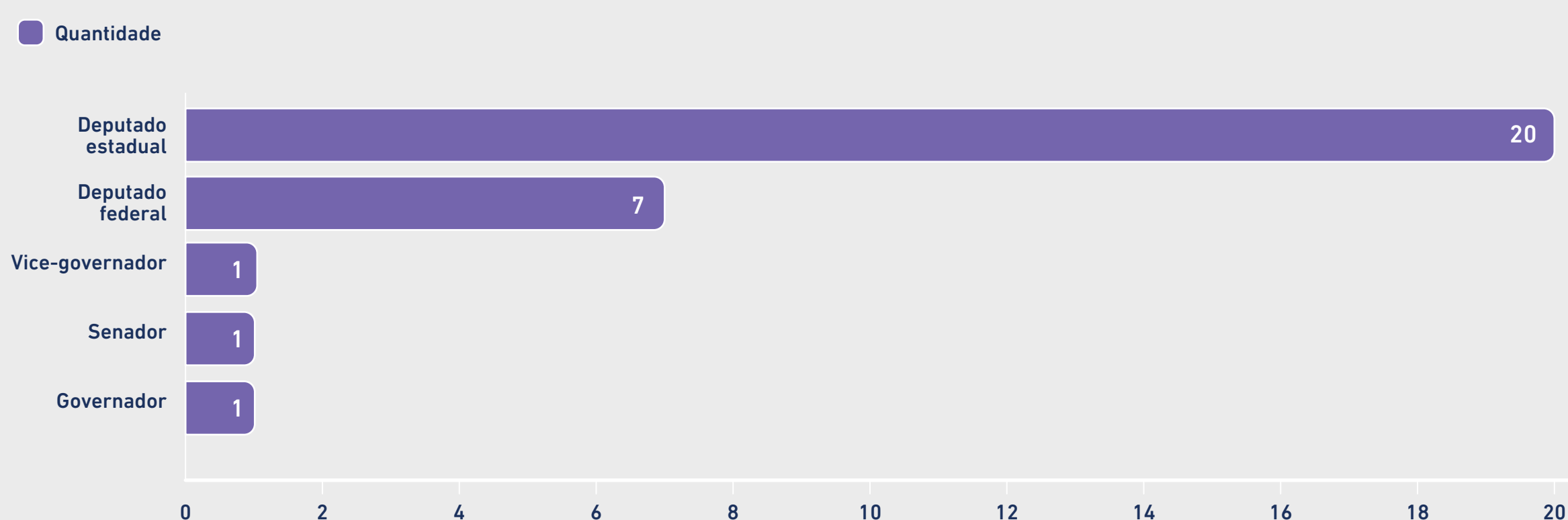
### TIPOS DE CANDIDATURAS EM 2018



### TIPOS DE CANDIDATURAS EM 2020



### TIPOS DE CANDIDATURAS EM 2022



Fonte: TSE.

É necessário frisar que a participação militar em chapas rende frutos e holofotes. Em 2020, a Capitã Estéfane (Patriota), desconhecida do público, mas reconhecida na



## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

caserna da PM, foi a escolhida para a chapa vencedora de Lorenzo Pazolini (Republicanos) em Vitória. No ano passado, a capitã dos Bombeiros Andresa esteve ao lado de Audifax Barcelos na corrida pelo Palácio Anchieta.

Essa escolha de militares, especialmente de mulheres, envolve o imaginário de heroísmo e, claro, maior participação e representatividade feminina. Como destacado por [A Vírgula #079](#), mulheres e idosos são públicos fundamentais no próximo pleito.

Considerando a crescente de participação, não será surpresa alguma se o número de militares em 2024 nas urnas for superior ao de 2020. A legislação eleitoral também é interessante, no sentido de que o afastamento das atividades acontece a partir do deferimento da candidatura.

## Militar é de esquerda, centro ou direita?

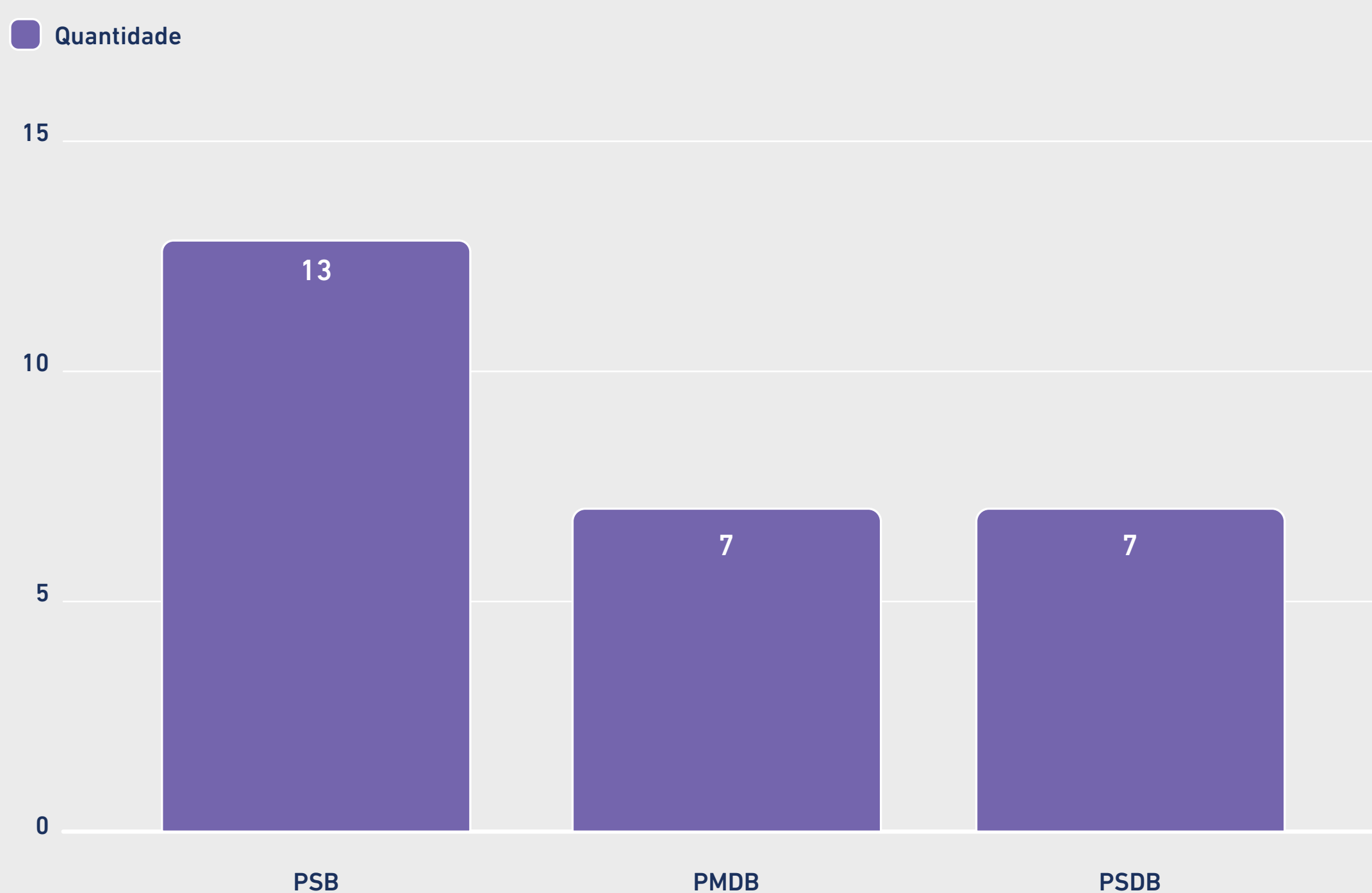
A escolha de partido por militares passou por uma guinada no Espírito Santo no período de 2012 a 2022. E isso envolve, claro, os acontecimentos nacionais e estaduais descritos anteriormente.

Em 2012, a opção de candidaturas militares, em nível municipal, seguiu a lógica do poder estadual, que tinha à ocasião o governador Renato Casagrande (PSB) como

## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

o chefe do Poder Executivo. Logo atrás, PMDB e PSDB formavam o ranking de partidos mais numerosos. Na época, essas legendas também representavam o maior sinônimo de centro e de direita no Brasil.

### MILITARES POR PARTIDO EM 2012



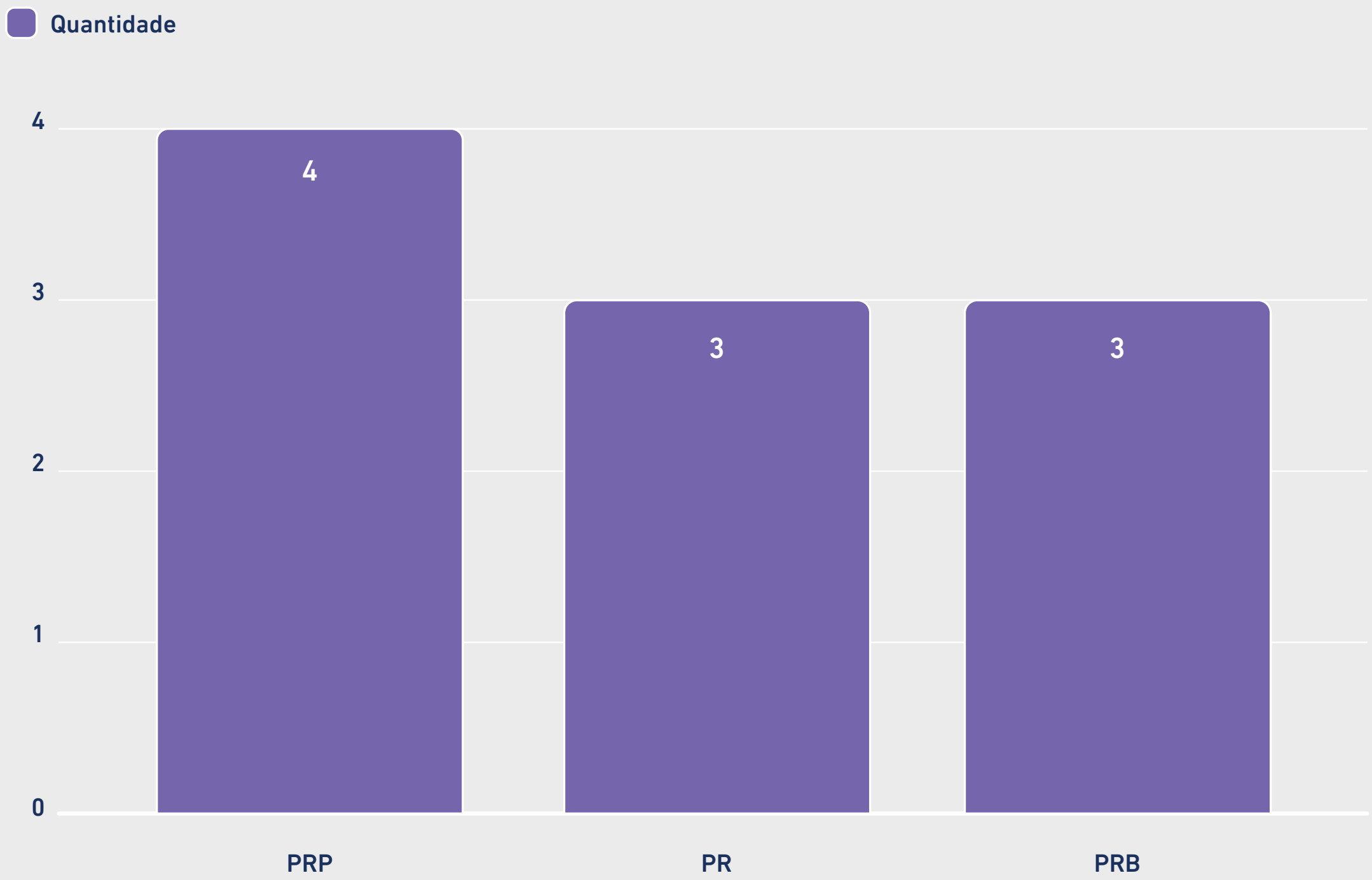
Fonte: TSE.

O pós-2013, por sua vez, deixou marcas, especialmente quanto ao avanço do conservadorismo. Não por acaso, em 2014, nas eleições estaduais/federais, as legendas que mais trouxeram militares, como sinônimo de referência e de ordem, foram aquelas ligadas à direita e aos segmentos evangélicos.



## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

### MILITARES POR PARTIDO EM 2014

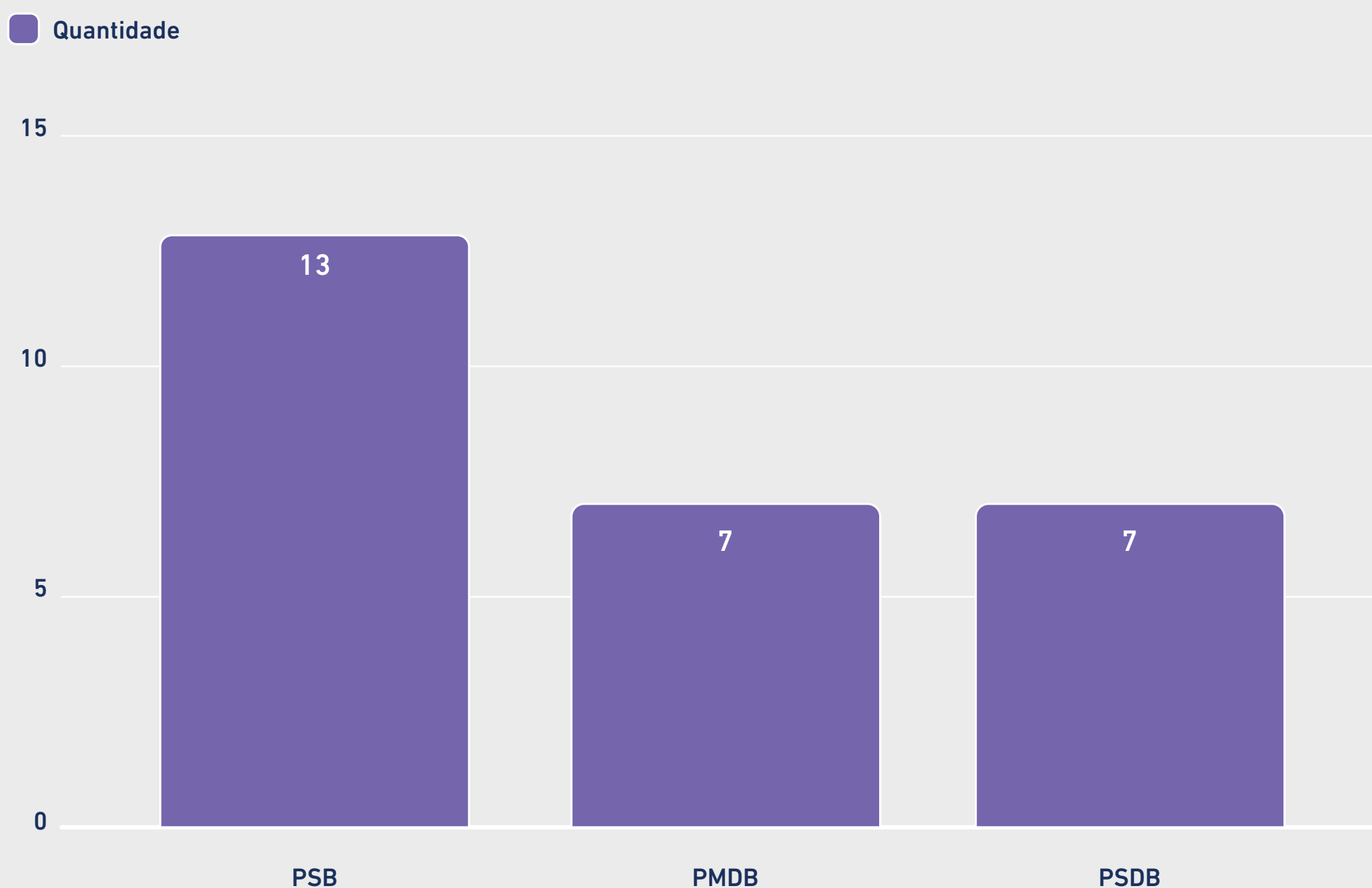


Fonte: TSE.

No pleito seguinte, para municípios ainda foi possível verificar que partidos com longo histórico e planejamento de poder conseguiram a maior participação de policiais e de bombeiros. Contudo, um “intruso” da direita já mostrava a mudança da tendência das filiações.

## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

### MILITARES POR PARTIDO EM 2016



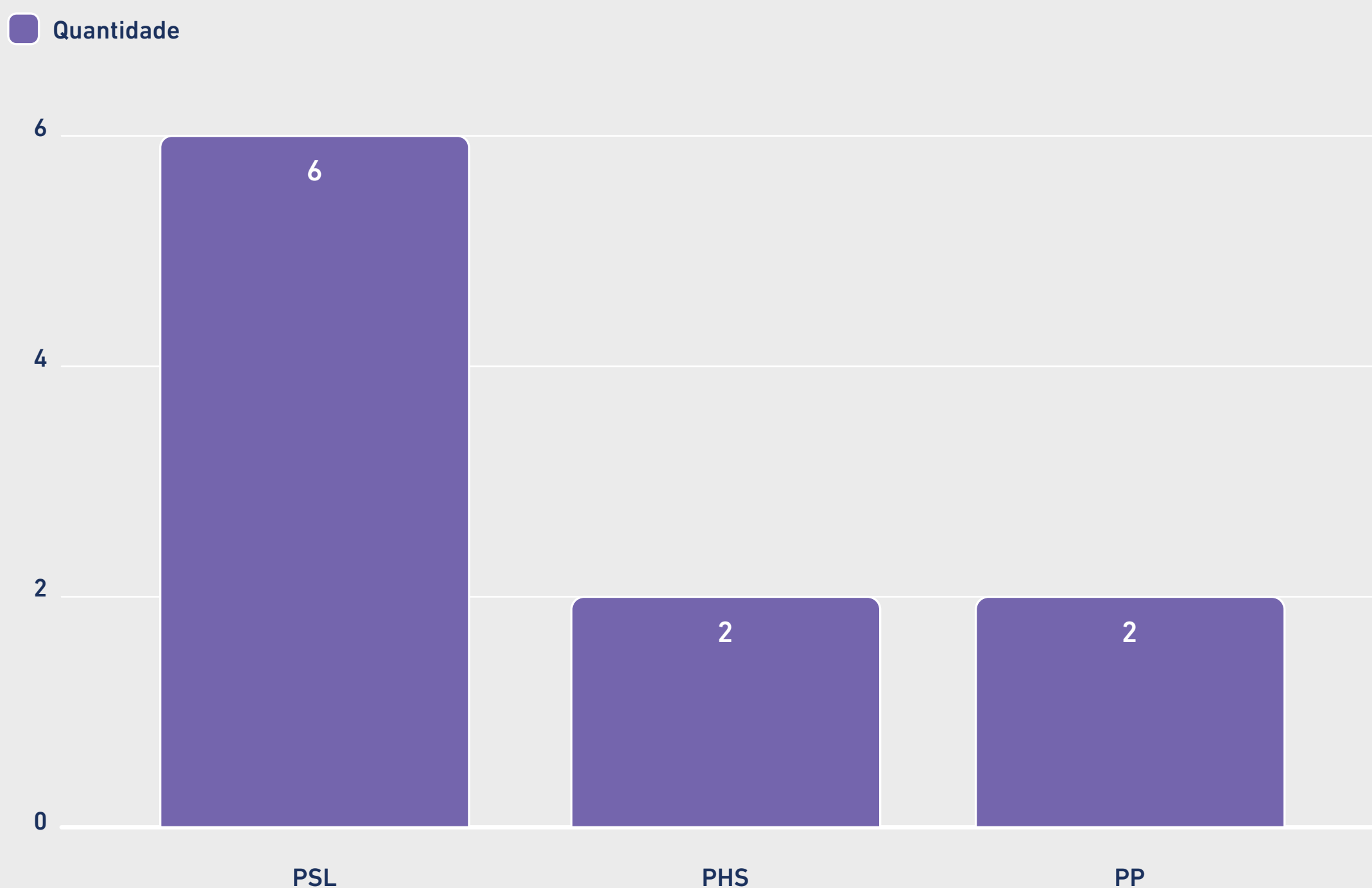
Fonte: TSE.

Em 2018, ano em que Jair Bolsonaro se candidatou e se elegeu Presidente da República pelo PSL, o cenário ficou dominado exclusivamente por siglas conservadoras. O partido em que ele estava, inclusive, foi o maior detentor de candidaturas militares no Estado.



## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

### MILITARES POR PARTIDO EM 2018

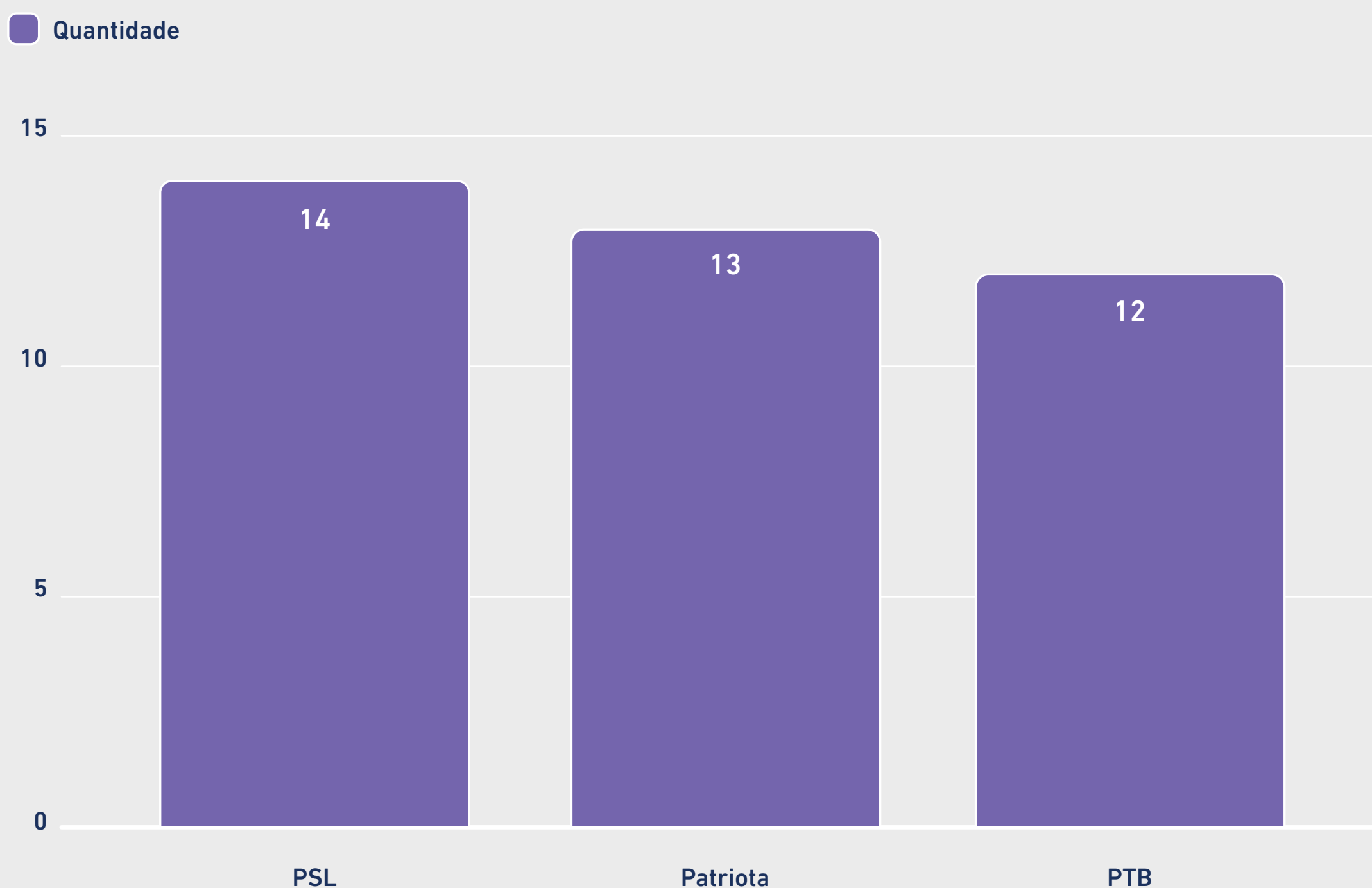


Fonte: TSE.

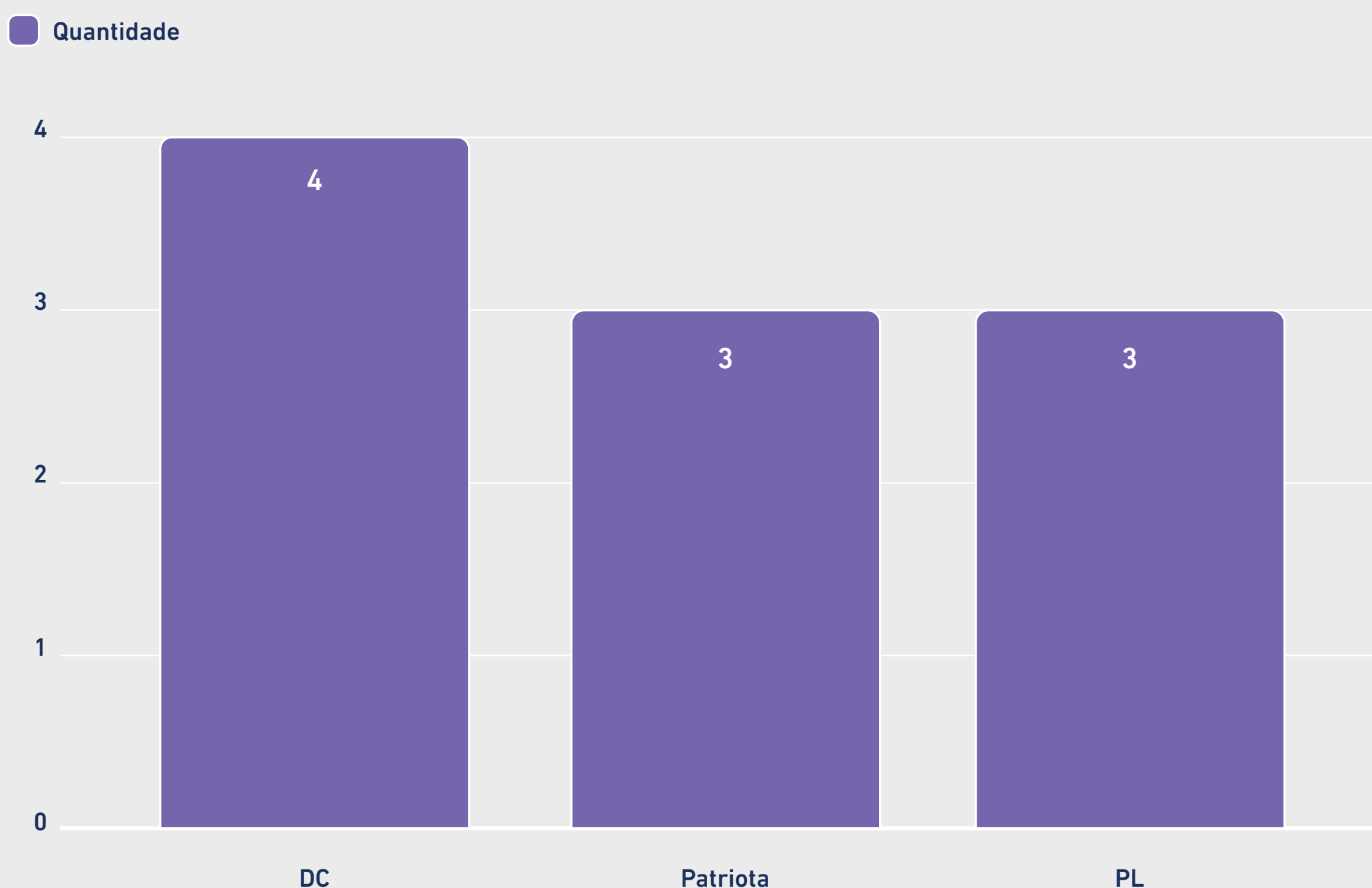
De lá para cá, essa tendência conservadora se manteve nos pleitos de 2020 e 2022. O bolsonarismo catapultou mais candidaturas do gênero em partidos de direita, especialmente motivados pela manutenção dos valores e pela defesa da segurança pública.

## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

### MILITARES POR PARTIDO EM 2020



### MILITARES POR PARTIDO EM 2022



Fonte: TSE.



## Militares na política: tendência de expansão é realidade no Espírito Santo

As candidaturas de militares no Espírito Santo são realidades cristalinas, que evoluíram em uma década. Seja por motivos nacionais ou estaduais. São apostas interessantes para os partidos, especialmente pela exposição que o tema segurança pública possui nos veículos de comunicação – e nas redes sociais –, o que faz com que esses atores sejam conhecidos do grande público.

As alas conservadoras, mais à direita e à extrema-direita, souberam aproveitar as ondas e turbinar suas chapas. Pode ser que não sejam eleitos, como os dados nos revelam, mas não se pode negar que policiais e bombeiros são bons cabos eleitorais. O desafio nas composições é não inflacionar o cenário, especialmente nos pleitos municipais, já que um policial e um bombeiro podem ser bastante conhecidos numa região, mas em outra, não. Tudo é equilíbrio.

E munição no gatilho, como bem sabem os agentes da segurança pública, faz diferença na guerra.

# A profecia de Chomsky: propaganda política inteligente cedeu lugar ao que é chucro

No lugar de um comercial que provoque uma densa posterior reflexão, a propaganda traz o caos, a desinformação, o anti-intelectualismo e o irracionalismo científico



## Fernando Carreiro

Jornalista, consultor de marketing político especializado em gestão de crises de imagem e comportamento humano



## A profecia de Chomsky: propaganda política inteligente cedeu lugar ao que é chucro

O PT chocou o Brasil ao colocar no ar, em 2002, o comercial em que ratos roíam a bandeira nacional enquanto ao fundo tocava, melodicamente, em um solo de violão, o nosso Hino, escrito por Francisco Manuel da Silva. A mensagem estava clara nos trinta segundos de imagem e no curto texto lido pelo locutor: “Ou a gente acaba com eles, ou eles acabam com o Brasil. Xô corrupção!”. O destino quis que o signatário da peça se visse envolvido no anômalo caso do Mensalão, três anos depois, e no Petrolão, 13 anos mais tarde, os maiores escândalos de corrupção do país. A vida imitou a arte, ao avesso. De todo modo, aquela era uma propaganda inteligente, que causou arrepios tanto quanto elogios.

Conceitualmente, considera-se “propaganda” a disseminação de ideias cuja proposta é difundir uma ideologia para uma audiência, com certo objetivo. A propaganda é uma instituição antiga e são muitas as evidências históricas do uso e do ato de prover ideias e ideais. É o caso dos brasões medievais e dos comícios políticos nas cidades gregas do período clássico, quando se destacou a retórica política, em civilizações milenares, como no Egito Antigo e no Império Romano. Um dos marcos da propaganda ocorreu no século XVI, quando a Igreja Católica Romana instituiu o *Congregatio de Propaganda Fide* (Congregação de Propaganda), algo como uma comissão de cardeais encarregada das missões estrangeiras da Igreja.

## A profecia de Chomsky: propaganda política inteligente cedeu lugar ao que é chucro

O Partido Nazista do Reich, no regime liderado por Adolf Hitler na Alemanha, preocupava-se com as oscilações do sentimento coletivo na política e procurava, frequentemente, emitir mensagens de apelo, dramatizações, como de forma a interpelar seu público para a ideologia totalitária. A propaganda política nazista, liderada por um governo de cunho totalitário, controlada por ele e veiculada por diferentes meios, fez parte dessa sistematização de interpelações provocativas à sensibilidade política dos alemães. A propaganda nazifascista exigia uma unidade de todas as atividades e ideologias. A moral e a educação estavam subordinados a ela. Sua imagem simples, imagética e agressiva visava provocar paixões para atingir diretamente as massas.

Regimes totalitários entenderam que os mecanismos de comunicação da época, muitos advindos da propaganda comercial norte-americana, poderiam ser úteis na disseminação da sua ideologia pela propaganda política.

No regime soviético comunista, a importância da propaganda política não foi diferente. Afinal, independentemente da ideologia do Estado ou do governo, ela sempre fora uma estratégia para o exercício do poder em qualquer regime, fossem eles totalitários ou democráticos. Assim, os soviéticos consideraram a propaganda como uma atividade política.

## A profecia de Chomsky: propaganda política inteligente cedeu lugar ao que é chucro

Pode-se dizer que, no Brasil, Getúlio Vargas fora o primeiro presidente a ter um “marqueteiro”, pois enviou o jornalista Lourival Fontes à Itália para conhecer de perto, com os assessores do ditador fascista Benito Mussolini, os processos de campanhas eleitorais e programas de comunicação ideológica, que redundaram depois na criação e direção, por ele mesmo, do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e do programa de rádio ‘A hora do Brasil’, em 1935.

De lá para cá, os comerciais forem sendo aprimorados e acompanharam o surgimento das novas tecnologias. De Fernando Collor, candidato precursor das campanhas políticas com marketing profissional, como conhecemos hoje, a Lula, que reposicionou sua imagem do “metalúrgico sapo barbudo” para a figura “paz e amor” que acalmou o mercado financeiro e venceu sua primeira eleição.

Toda essa engenharia na construção de mecanismos de persuasão das massas, que outrora assumiam áreas de inteligência suprema dignas de prêmio, cedeu lugar a um modelo chucro de propaganda, embora não menos perspicaz. Hoje, o que assistimos em nossos minitelevisores chamados de *smartphones* é uma saraivada de peças de mau gosto e que, todavia, funcionam para estes tempos oblíquos. A construção inteligente de antes deu lugar ao humor disfórico, desagradável.



## A profecia de Chomsky: propaganda política inteligente cedeu lugar ao que é chucro

No lugar de um comercial que provoque uma densa posterior reflexão, a propaganda traz o caos, a desinformação, o anti-intelectualismo e o irracionalismo científico. O ataque ao social e ao político, já presente no liberalismo clássico, aparece agora radicalizado, sem o esteio da moral tradicional e, por isso, apresenta-se de modo especialmente destrutivo.

Mas é, todavia, o que funciona em um mundo carregado da ignorância, da fluidez de pensamento e da liquidez de sentimentos. Noam Chomsky, um dos maiores filósofos e ativistas políticos dos Estados Unidos, escreveu em seu livro 'Controle de Mídia' que "a propaganda representa para a democracia aquilo que o cassetete significa para o estado totalitário". Os escritos são de 2003, mas parecem mais uma profecia.



# A VÍRGULA #080

Boletim semanal produzido por  
**Fernando Carreiro**  
*Imagem Comunicação Inteligência*



**Fernando Carreiro**  
Diretor Editorial

Com textos, análises e colaboração de:



**Felipe Izar Xavier**  
Editor-Executivo



**Marcelo Siano Lima**  
Consultor



**Rodrigo Medeiros**  
Colaborador

Confira todo nosso acervo em  
[www.fernandocarreiro.com.br/avirgula](http://www.fernandocarreiro.com.br/avirgula)